

28-07-2020

A modernidade sólida do rádio

Leila Uruhay Grienz

[Psicóloga Social. Radialista]

É muito impressionante como os costumes, na “modernidade líquida” (veja), vão se evaporando e sendo velozmente superados. Recentemente, num programa de rádio, ouvi um cego de nascença, formado em filosofia, que “viu” a marcha da modernidade pelo rádio. Dizia ele que a literatura tradicional, a que ele tinha acesso em braille, demorava muito a ajudá-lo a enxergar a veloz marcha dos acontecimentos. Somente o rádio lhe possibilitava a sintonia com a rapidez. Chamou-me a atenção também o fato de termos praticamente a mesma idade chegando aos 60. Discorria ele sobre a história do rádio e como o rádio, mesmo mantendo sua base tecnológica de comunicação original, tinha atravessado o século 20 e chegando ao 21 com a mesma forma e a mesma capacidade de transmitir conteúdo. Em certo momento ele disse que a modernidade tornou as coisas líquidas, mas não ousou tocar na solidez do rádio. Não por algum roubo de ética dos costumes ou por preservação da sua natureza, mas pela incapacidade de desconstruir alguns valores que são blindados à modernidade devastadora dos hábitos.

Como radialista há mais de 40 anos, a longa entrevista me impactou profundamente.

Ouvi coisas que eu nunca tinha pensado, mesmo sendo apaixonada pelo meu ofício. Misturando minhas ideias às dele, comecei a pensar no quanto mudaram os costumes, a partir da indústria da telecomunicação. São múltiplos os exemplos, mas destaca-se a cruel dependência das crianças ao telefone celular. Confesso que me dá uma certa aflição nas reuniões de família vendo meus sobrinhos e sobrinhas desfiando seus smartphones e, muitas vezes, lado a lado, conversando pelo zap. Lembranças de minha infância: amarelinha, cirandas, carniça, pique-esconde me dão uma impotência de titia junto à minha criançada. Não que esses folguedos não sejam eventualmente ‘usados’, mas é tudo rápido. É tudo muito líquido.

O tempo mínimo pra alcançar o mais rápido possível o celular. Célio, o cego entrevistado, dizia que o celular foi incorporado ao corpo infantil e juvenil. Passou a ser um apetrecho vestimental, como uma blusa ou um sapato, com a prerrogativa de ser usado em qualquer ocasião. Até na cama.

Dizia ele, e eu senti a mesma coisa, que nos anos ‘60, primeiros anos de nossa infância, o rádio desligado ecoava a voz de nossos pais, avós e primos.

Era o processo educativo que moldava nossa personalidade. Os valores estavam, de algum modo, circunscritos aos dos nossos, ainda que pudessem não ser os que hoje assumimos. Já, com o rádio ligado, ouvíamos vozes ampliadas, para além do que diziam os nossos. O rádio não era, como é hoje o celular. Era uma coisa fora do nosso corpo, algo como uma supra-consciência que, inclusive, nos possibilitava questionar as vozes dos nossos quando ele - o rádio - falava. Hoje, a supra-consciência é o celular que não é democrático. A escuta é solitária, corroboração da modernidade individualista.

A partilha da voz só ocorre após o filtro do dono da escuta, se assim ele o desejar. O rádio inunda o ambiente e o amplia, o celular o diminui e o restringe. A rede social não resolve esse dilema.

Ela exclui a quem não é cabível ouvir certas coisas, inclusive os nossos, segundo o dono da escuta. Crianças vestindo celular não ouvem rádio.

Podem até ver televisão, mas só ouvem rádio quando andam de táxi e, mesmo assim, raramente. São poucos os taxistas que ouvem o rádio com a ideia plural que lhe fez existir e persistir.

E mesmo nesses casos, as crianças no táxi estão de olho no celular. Encerro com a citação de um livro que o Célio indicou: *Tempos de Vargas: o rádio e o controle da informação*, de Othon Jambeiro e outros autores: “*Criada com finalidades educativo-culturais, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro iniciou suas transmissões em 20 de abril de 1923, a partir da Academia Brasileira de Ciências, da qual seus fundadores faziam parte. No contexto da época, a fundação da emissora foi quase um ato de desobediência civil, pois a utilização do rádio encontrava-se restringida por lei, devido à sua conotação estratégica, após a Primeira Guerra Mundial.*” (p. 47) Quem sabe a estratégia do rádio não volte a ser considerada após a Pandemia? ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.